

Crise faz imigrante trocar Brasil por outros países

Rivaldo Gomes/Folhapress

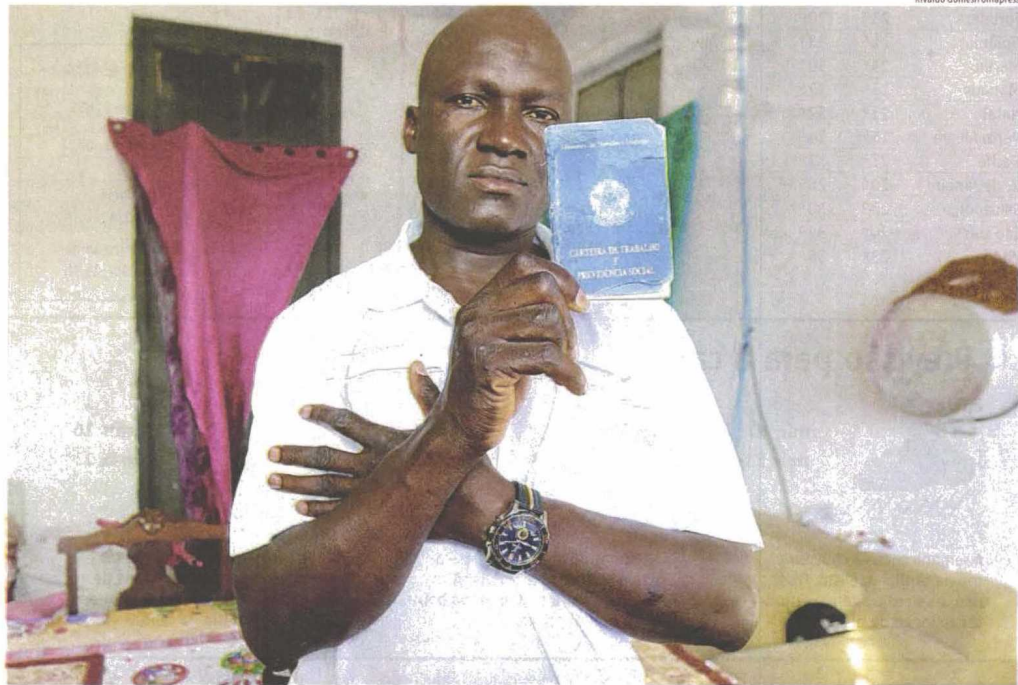
Falta de emprego faz estrangeiro buscar outros lugares como Chile, Guiana Francesa e até Europa

Muitos imigrantes tentam por meses arrumar emprego, mas sem ter como pagar aluguel, têm economizado pensando em viajar para mais longe e melhorar de vida.

O mestre de obras Jackson Pierre, 42 anos, é do Haiti e está desempregado há mais de um ano. Por R\$ 800, ele mora em um quartinho na Liberdade com a mulher e o filho de oito anos. "Faço entrevistas, mas não resolve". Para sobreviver, sobrevive de bicos na Feirinha da Madrugada, mas pretende se mudar para o Chile. "Lá a economia está melhor".

O contrerrâneo dele, o ajudante-geral Toussaint Elias-saint, 29 anos, desempregado há sete meses, pretende ir à Guiana Francesa.

A comerciante boliviana Rosa Mamani Penha, 54, teve que dizer adeus ao filho de 25 anos, que voltou para Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, há três meses. "É duro ficar sem ele, mas a situação aqui estava insustentável". (Tatiana Cavalcanti)



■ O imigrante haitiano Jackson Pierre, que está desempregado há mais de um ano, no quarto em que mora com a mulher e o filho, na Liberdade (centro); ele sobrevive de bicos e junta grana para se mudar para o Chile

Venezuelanos e angolanos fogem de falta de grana e de violência

O perfil do imigrante que chega ao país tem mudado nos últimos tempos. Desde o início do ano, venezuelanos estão buscando o Brasil, por causa da grave crise econômica e social que o país atravessa nos últimos anos.

"Chegaram três ônibus de venezuelanos em janeiro e esse número tem aumentado a cada semana. Mas eles di-

zem que outros pretendem fazer o mesmo trajeto", diz o padre Paolo Parise, um dos diretores da Missão Paz, da Pastoral do Imigrante.

Outro movimento observado pelo padre é o de africanos. Em Angola, segundo ele, a situação econômica é crítica e a violência urbana tem feito mulheres viajarem com os seus filhos para o Brasil.

"Os maridos, se sobrevivem à guerra civil que atinge o país, tentam vir depois. Esse movimento foi invertido, porque antes os homens costumavam vir primeiro e depois traziam as famílias", completa o padre, que diz acolher pessoas de 21 nacionalidades, entre elas mexicanos, cubanos, argentinos e até sírios. (TC)

País é um local de transição para estrangeiros, diz especialista

As idas e vindas de estrangeiros para o Brasil, mostram que o país está na rota das migrações internacionais no século 21 —que atualmente está ligada às crises econômicas e sociais das nações.

Para Rosana Baeninger, professora do Departamento de Demografia e do Núcleo de Estudos de População da Unicamp (Universidade Esta-

dual de Campinas), a saída de imigrantes haitianos, bolivianos e de outras nacionalidades mostra que o Brasil, apesar de acolhedor, é um país que tem sido considerado, nos últimos anos, como um lugar de transição para os estrangeiros.

"A situação dos imigrantes haitianos é um dos exemplos mais atuais desse perfil. Eles

chegam aqui no Brasil para escapar da falta de oportunidade do seu país de origem, mas querem mesmo é morar em outras nações."

Segundo Rosana, a crise econômica pela qual o Brasil passa diminui investimentos e, conseqüentemente, reduz as oportunidades de trabalho para todos esses imigrantes. (TC)



Rivaldo Gomes/Folhapress

■ Os artistas plásticos bolivianos Benjamin López Laquis e Veronica Nina, que foram roubados e tiveram de morar na rua; eles querem mudar para Portugal

Artistas bolivianos queriam estudar e foram morar na rua após roubo

Os artistas plásticos bolivianos Benjamin López Laquis, 47 anos, e Veronica Nina, 29, chegaram ao Brasil há sete meses com a intenção de estudar e se especializar na área da saúde.

Trouxeram R\$ 10 mil para dar início a uma nova vida. Alugaram por R\$ 550 um pequeno quarto com banheiro no Brás (região central).

A um dia de vencer o aluguel, viram que a porta do quartinho estava arrombada. Levaram quase tudo que ti-

nam. Um dos poucos objetos que sobraram foi uma barraca de acampar.

Sem opção, a dupla colocou a barraca debaixo de um viaduto na região do Parque Dom Pedro e foram acolhidos por moradores de rua dali. "Foi muito frustrante ser roubado, mas soubemos nos virar e tivemos ajuda", relembra Laquis.

Aquela foi a morada deles por um mês. Para se virar e conseguir alimento, venderam trabalhos manuais.

"Apesar da generosidade da maioria dos brasileiros, pensamos em voltar para a Bolívia. Mas não tínhamos dinheiro", disse Verônica.

Então, decidiram mudar de planos. Foram até a Missão Paz, na Pastoral do Imigrante, no Glicério, onde Laquis conseguiu emprego como caseiro na cidade de São Roque (66 km de SP).

Agora, ele economiza o salário de R\$ 1.200 para poderem se mudar para a Portugal e estudar. (TC)